

## SR. VIEIRA

Douglas Gomes FERREIRA<sup>1</sup>

**Recebido:** 16/03/2024

**Aprovado:** 18/03/2024

A canoa do Sr. Vieira adentrou cada vez mais o igarapé do Rio Corre-Mão, em busca dos matapis que ele colocara na noite do dia anterior. Sua entrada silenciosa, sob a luz de uma lamparina e impelida pela correnteza das águas barrentas, formava um longo e escuro labirinto. Os matapis, cheios ou vazios, esperavam por ele.

Sr. Vieira, experiente pescador de camarão, conhecia cada curva daquele caminho de canoa pequena. Ele havia passado a vida se locomovendo calmamente sobre aquelas águas escuras, pescando, caçando e capturando pequenos caramujos que alimentavam a sua pequena prole. A lua, escondida por uma nuvem, lançava uma luz pálida sobre toda aquela cena. As estrelas estavam timidamente piscando no céu.

E só se podia ouvir a sinfonia dos grilos, só.

De repente, interrompendo o cantar dos grilos, um som horripilante dilacerou o ar. Um grito agudo e gutural, como o de um agonizante animal, ecoou entre as árvores, fazendo o Sr. Vieira gelar, quase que literalmente. Seus braços ficaram fracos, de modo que fez o remo escapar de suas mãos. A canoa balançou violentamente. O medo dominou aquele assíduo pescador de camarão. O grito era tão grande, tão real... parecia vir de dentro da própria mata. O Sr. Vieira, com o coração batendo forte no peito, recuperou o pouco de quase nada de coragem que lhe restara e empunhou seu facão, no instinto, como única defesa.

Tomado pelo pânico, decidiu recuar. Ele não se atrevia a enfrentar o que quer que estivesse escondido naquela escuridão da mata. “O Diabo!” – pensou, de súbito, porque a voz lhe faltava.

Remando com força, ele fez a canoa voltar pelo mesmo labirinto por meio do qual havia entrado. Porém, abruptamente, não mais silenciosamente.

...

---

<sup>1</sup> O autor é ribeirinho, reside no Rio Corre-Mão, pertencente à cidade de Igarapé-Miri, que está localizada no interior do estado do Pará. É graduado em Letras pela Universidade do Estado do Pará – UEPA e pós-graduando em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Escrever, para ele, é uma ferramenta única, por meio da qual se pode externalizar sentimentos/sensações que seriam, indubitavelmente, impossíveis de se fazer utilizando-se de outros meios.

Na manhã seguinte, ele reuniu toda a sua coragem, ou pelo menos tentou, e partiu novamente até aquele igarapé. Dessa vez, contudo, ele não estava só. Levou um compadre. Ao chegarem ao local do aterrorizante grito, Sr. Vieira e o seu compadre vasculharam a mata palmo a palmo. Porém, nada encontraram. Nenhum animal, nenhuma criatura, nenhuma pista que explicasse o som horripilante que o fizera correr dali. O compadre, cético, zombou do Sr. Vieira, dizendo que ele havia imaginado tudo, mas Sr. Vieira sabia o que ouvira na longa noite anterior. O grito era real, e o terror que ele sentiu jamais seria esquecido!

De repente, o ceticismo acaba! O mesmo grito, a mesma reação, mas, agora, compartilhada por dois. “Vem de cima!” – gritou o Compadre. Seria um pássaro? Uma onça? A desgraçada da Matinta? Ora, se não olhassem, jamais descobririam. Mais uns instantes de silêncio...

Viram, então, que estavam debaixo de uma árvore alta e antiga, a qual se destacava. Viram que seus galhos longos e retorcidos balançavam com o vento, criando um atrito que soava como um grito agudo e gutural, como o de um animal agonizante. Um leve sorriso sem graça pegou os dois caboclos de surpresa na hora.

"Era isso!?" - disse o Sr. Vieira.

Vai entender, não é?